REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

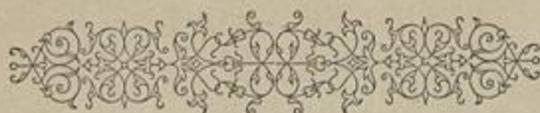
10.º ANNO — VOLUME X — N.º 299

11 DE ABRIL 1887

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA ALTEZA A INFANTA D. ANTONIA DE BRAGANÇA (Segundo uma photographia de Hugo Danz)

CHRONICA OCCIDENTAL

Passaram as festas da Semana Santa.

De ha muito que é costume, n'estes dias, a sociedade elegante emigrar de Lisboa e ir passar as festas fóra da terra, fazendo assim o prefacio ás villegiaturas de verão, que estão a bater á porta.

Este anno não foi só a sociedade elegante, a gente abastada, que abandonou as egrejas e os confeiteiros da capital: a classe media imitou a gente rica, e foi tão numerosa a emigração, que se deu por ella em Lisboa.

Na quinta feira de Endoenças, n'esse dia em que toda a população sae a visitar as egrejas, a concorrencia nas ruas era muito sensivelmente menor que nos annos anteriores; nas egrejas do Chiado entrava-se á vontade, e não havia esse apertão enorme, essa multidão compacta que nos outros annos transforma essa romaria sacra n'um verdadeiro sacrificio.

E o tempo não tem estado lá muito convidativo para o fora da terra. Os dias da semana santa foram asperos, ventosos, muito deseguaes, as noites frias, tão frias que mal se poderia adivinhar n'ellas noites de primavera; mas se o tempo não convidava a ir para o campo, fazia em compensação esse convite o caminho de ferro de Cintra, esse caminho de ferro ha tantos annos desejado, que finalmente se abriu ao serviço do publico no dia 2 do corrente.

E a novidade da viagem, e ao mesmo tempo a sua commodidade, a sua barateza, a sua rapidez, tentaram toda a gente: e o apertão que d'antes havia na quinta feira santa no largo das Duas Egrejas, houve-o este anno na praça de Cintra, ao passo que no Chiado se andava á vontade, nos Seteais mal se podia romper: e os hoteis de Cintra encheram a trasbordar, em Bellas e em Queluz não havia um logar sequer á meza redonda das hospedarias e só na quinta feira de Endoenças o novo caminho de ferro levou de Lisboa nas suas seis viagens mais de trez mil passageiros!

No mesmo dia em que começou a semana santa — no domingo de Ramos — acabou a epocha lyrica.

N'essa noite o theatro de S. Carlos fechou as suas portas com um espectaculo de retalhos depois de ter dado a seguir trez festas brilhantes, a do tenor Valero, a da *prima donna* Ernestina Bendazzi e a da *prima donna* Helena Theodorini.

A empreza, fazendo as suas contas depois das portas fechadas, deve ter encontrado um *deficit* menos mau.

A epocha foi infeliz para o theatro, que, apesar de variar enormemente os seus espectaculos, de ter trazido uma artista de merito excepcional como a Theodorini, de ter dado trez operas novas, os *Dorias*, o *Simão Boccanegra* e os *Pescadores de Perolas*, e feito *reprise* de duas operas quasi novas á força de velhas, a *Luiza Miller* e a *Norma*, nunca teve grandes enchentes.

Não sabemos porque o publico este anno concorria muito pouco ao theatro de S. Carlos.

Em noites de *premières* a casa lá se enchia, quando se enchia, e depois, embora as operas agradassem muito, como a *Gioconda*, os *Dorias*, nunca mais tornava a haver enchente completa.

Houve apenas uma excepção a esta regra — a *Norma*; essas, duas vezes que se cantou teve duas enchentes enormes, mas a Theodorini adoeceu, e a *Norma* não poude ter mais representações.

O emprezario de S. Carlos está sendo um pessimo negocio; d'um lado as exigencias dos cantores, do outro lado o retrahimento do publico, e no meio fatalmente o *deficit*.

A companhia lyrica d'este anno não era uma companhia excepcional, uma companhia de *estrellas*, como fôra a da epocha anterior, mas era uma companhia muito regular: tinha uma artista de merito extraordinario, *uma estrella*, a Theodorini, uma cantora de muito talento, a Bendazzi, um excellente tenor, o Valero, um barytono muito distincto, o Dufriche, um meio soprano muito apreciavel, a Amelia Stahl, e com tudo isso o publico mostrou-se excessivamente frio para o theatro.

O que tudo isto nos parece provar é que a nossa estação lyrica é muito longa, que a população fixa de Lisboa não comporta 90 recitas de theatro de S. Carlos a seguir, e que o remedio seria ou diminuir a epocha ou então fazel-a com duas companhias differentes, se isto é praticamente possivel.

De contrario o theatro de S. Carlos será uma ruina inevitavel para qualquer emprezario, porque nem mesmo a alta competencia de Campos Valdez, a sua actividade enorme, a sua profunda sciencia de administração theatral poude vencer este anno a persistente indifferença do publico.

Nos outros theatros tem havido novidades, algumas d'ellas importantes, sendo a primeira a representação d'uma peça original portugueza no theatro do Principe Real.

Essa peça foi *A Explosão da Nau Chagas*, dos srs. João de Mendonça e Julio Rocha.

João de Mendonça, um dos nossos collegas mais estimados, jornalista distincto, professor illustre que tem dedicado a sua grande actividade e a sua bella intelligencia ao estudo dos successos notaveis, e a quem os leitores do OCCIDENTE conhecem muito por uns excellentes artigos publicados aqui recentemente, abordou pela primeira vez o theatro, em companhia d'um rapaz muito intelligente, muito trabalhador, já conhecido nas lides theatraes por varios successos em theatros populares, o sr. Julio Rocha.

Essa primeira abordagem foi logo um triumpho, um verdadeiro e justissimo triumpho pelo qual felicitamos vivamente os nosso presados collegas.

A Explosão da Nau Chagas é um drama portuguez de lei, um drama de grandes effeitos, architectado com muita arte sobre um facto glorioso e eminentemente dramatico da nossa historia maritima.

No drama a ficção prende-se á historia com notavel habilidade, com intelligente *savoir faire*, a acção desliza interessante, bem urdida, natural, os typos estão desenhados excellentemente, a epoca está estudada com rigor, e a linguagem é magnifica, conservando um sabor portuguez, sem ser eivada d'archaismos que tornariam um bom diccionario indispensavel ao espectador do theatro do Principe Real.

A Explosão da Nau Chagas teve um verdadeiro successo, para o qual contribuiram com o bom desempenho que deram aos seus papeis as actrizes Maria das Dores, Adelina e Margarida Lopes, e os actores Alvaro, Pereira, Brandão, Costa, Almeida e Gil.

No theatro de D. Maria deu-se ha dias uma comedia nova: — *Um Parisiense* de Gondinet.

O *Parisiense* é uma comedia muito graciosa, muito franceza e que tem espirito ás mãos cheias, sem comtudo chegar ao *Club* do mesmo auctor, e na nossa opinião a sua melhor comedia.

Não vimos ainda a peça de Gondinet no theatro de D. Maria, mas dizem-nos que é magistralmente desempenhada por Augusto Rosa e Rosa Damasceno, e que está excellentemente traduzida pelo sr. Aristides Abranches.

Brevemente Lisboa terá o delicado prazer de ver esta mesma comedia representada em francez pelo grande actor que creou o papel na *Comedie Française*, o celebre Coquelin.

Parte da companhia do illustre comediante de França está já em Lisboa e por estes dias devem começar as seis recitas que Coquelin dá em Lisboa e que serão um verdadeiro acontecimento artistico no nosso paiz.

Coincindindo com o apparecimento de Coquelin vamos ter em Lisboa outra grande novidade artistica, os concertos dados pela cantora austriaca Amalia Materna, prima-dona da opera de Vienna d'Austria, e uma das mais notaveis executantes da musica wagneriana.

Acompanham a afamada cantora viennense, uma violanista notavel Varette Stepanoff, e uma pianista igualmente distincta, Gabriella Neusser.

Estas tres artistas vem dar uma pequena serie de concertos que serão um verdadeiro regalo para os amadores de musica, e que constituem uma verdadeira novidade artistica entre nós.

No theatro da Trindade, depois de uma longa ausencia de peças novas, motivada pela doença do actor Augusto, subiu á scena uma operetta completamente nova, de que Lisboa teve o *primeur*, *O moleiro d'Alcalá*.

O poema d'esta opera comica é extrahido por Eduardo Garrido d'um romance celebre hespanhol, *O chapeu de tres bicos*, que em tempo teve grande successo em Lisboa, publicado em folhetins no *Jornal da Noite*.

O nome illustre de Eduardo Garrido diz mais de que todos os nossos elogios, a graça enorme, e a habilidade de homem de theatro consummado, com que as principaes scenas do romance foram approveitadas para a scena.

O *Chapeu de tres bicos*, passando do livro para o theatro recebeu a denominação de *Moleiro d'Alcalá*, e tem tres actos e quatros quadros.

Todos esses tres actos tem immensa graça, mas o melhor de todos elles é o terceiro, o ultimo, o que é o segredo dos grandes successos theatraes.

A musica é d'um compositor novo, cujo nome nos não occorre n'este momento, um peruano que reside em Paris e que fez expressamente esta sua primeira opperetta para o *libretto* que Eduardo Garrido tratou com tanto amor.

A partitura do *Moleiro d'Alcalá* não se pode dizer que seja uma obra prima, mas tem trechos muito bonitos, sobresahindo entre todos a valsa de Frasquita, o duetto de Frasquita e Miguel, e a *jota* final do primeiro acto.

O *Moleiro* está posto em scena com grande apparato e ensaiado primorosamente por Moutinho de Sousa, de ha muito tido por mestre n'este genero de trabalhos.

O desempenho que á nova opereta de Garrido deram os artistas da Trindade, foi muito bom.

Josepha d'Oliveira é uma adoravel moleira, representa e canta com muita graça o seu papel, e dando ao personagem toda a sua elegancia attrahente, torna perfeitamente verosimil e acceitavel a lenda de belleza que da gentil moleira corria todo Alcalá.

Florinda, no pequeno papel de Corregedora é magnifica.

Leoni é explendido de graça, em toda a opera. A narrativa que no terceiro acto elle faz ao moleiro da aventura do corregedor é uma maravilha de boa veia comica.

Diniz e Augusto fazem excellentemente os seus papeis difficeis e trabalhosos, e pode-se dizer que ha muito tempo na Trindade uma peça não tem um ensemble tão distincto.

No dia em que esta chronica apparecer á luz deve estar já á venda um livro de versos destinado a ser um grande successo litterario de Portugal.

Chama-se esse livro a *Estatua* e firma-o o nome de Francisco Palha, um dos nomes mais gloriosos da nossa litteratura contemporanea.

Desde que ha dias alguns jornaes noticiaram o proximo apparecimento d'esse livro, que elle é esperado e procurado com a curiosidade, o interesse, a anciedade que despertam os trabalhos dos grandes escriptores, dos maiores, d'esses que pelo seu talento excepcional occupam de ha muito logar á parte nas proeminencias da nossa alta litteratura.

Conhecemos de ha muito elguns trechos do novo poema de Francisco Palha, mas não queremos tirar-lhe o encanto da novidade e por isso limitamo-nos a anunciar o apparecimento do livro do eminente escriptor, guardando para a proxima chronica uma analyse detalhada d'essa bella obra prima, que vem enriquecer a nossa litteratura, e augmentar a gloria que de ha muito aureola o nome do seu illustre auctor.

E n'essa occasião teremos tambem o prazer de fallar d'outro livro deveras notavel, tambem d'um dos grandes nomes mais conceituados e afamados da nossa litteratura; do livro de versos do sr. general Cascaes, do celebre auctor do *Alcaide de Faro*, da *Pedra das Carapuças* e da *Lei dos Morgados*.

Temos já sobre a nossa mesa esse livro, cujo offerecimento agradecemos ao seu eminente auctor, mas hoje falta-nos o espaço para darmos d'elle a noticia minuciosa que merecem sempre as obras de escriptores tão illustres e tão justamente celebrados como Joaquim da Costa Cascaes.

Gervasio Lobato.

A INFANTA D. ANTONIA

É da irmã d'el-rei, D. Luiz I, o retrato que hoje damos á estampa. Parece-nos que ainda hontem a viamos ostentando, no esplendor de seus encantos, a graça juvenil de sua peregrina belleza. Parece que ainda hontem a viamos passar de carruagem nas ruas da cidade, meneando a cabeça para a multidão, que a cumprimentava cheia de amor, e admirada ao vêl-a crescer. Parece que ainda hontem lhe admiravamos os seus cabellos de oiro, fluctuando á brisa, que lh'os bafejava docemente.

Quanto póde a imaginação, que nos alenta o espirito! Já passaram tantos annos, e nós a vermos o *hontem*!

*

* *

Reapparece-nos agora a regia fugitiva, rejubilando-nos a alma, ao vêl-a ainda com os traços de antiga perfeição, sem que o *vomer* do tempo ousasse, nem de leve, marcar-lhe o primeiro vestigio da sua inexoravel influencia.

A infanta D. Antonia tem a belleza physica e a belleza moral, que raras vezes coexistem. A Providencia deu-lhe encantos, que raro se encontram mais completos; sua augusta mãe, de saudosa memoria, formou-lhe o coração nos bons exemplos, ensinando-lhe as sãs doutrinas da familia, da esposa e da futura mãe, que é.

Nasceu a 17 de fevereiro de 1845; vae em 42 annos que sua alteza veio ao mundo. Casou a 18 de setembro de 1860 com o principe Leopoldo de Hohenzollern, irmão da rainha D. Estephania, esposa do rei D. Pedro V. Celebrou-se a cerimonia do seu casamento na capella do paço das Necessidades. Logo em seguida partiu de Lisboa para Antuerpia, a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, do commando de seu augusto irmão,—n'esse tempo o infante D. Luiz, hoje rei de Portugal.

O principe Leopoldo de Hohenzollern nasceu a 22 de setembro de 1835. É filho primogenito do principe, outr'ora reinante de Hohenzollern, e que hoje está encorporado nos dominios da Prussia, cuja dymnastia actual é um ramo da familia de Hohenzollern, elevado em 1701 á cathegoria de REAL na pessoa de Frederico, primeiro conde de Hohenzollern burgrave de Nuremberg e eleitor de Brandeburgo.

É o principe Leopoldo — general de infanteria prussiana e chefe do regimento de fuzileiros de Hohenzollern n.º 40. Foi candidato ao throno de Hespanha, sendo a sua candidatura uma das causas da guerra franco-prussiana.

Suas altezas teem tres filhos: — o principe Guilherme, herdeiro, nascido no castello de Beuruth a 7 de março de 1864, é hoje tenente do 1.º regimento da guarda (a pé) prussiana; — D. Fernando, nascido em Sigmaringen a 24 de agosto de 1865, é egualmente tenente do mesmo regimento, a que pertence seu irmão mais velho; — D. Carlos Antonio é o terceiro, que nasceu a 1 de septembro de 1868.

*

* *

Ao traçarmos estas linhas, sentimo-nos saudoso d'aquelle tempo, em que a familia real portugueza, numerosa descendencia de D. Maria II e de D. Fernando fazia as delicias do povo que a viu nascer.

O povo portuguez é gente de coração, provou-o sempre quer no auge das maiores alegrias, festejando os consorcios e nascimentos dos principes; quer nas angustias do paiz ao soffrer as dores pungentes, que a real familia por vezes experimentou, chorando com ella as lagrimas sentidas de irmãos, de paes e de amigos dedicados. O povo portuguez, quando sentiu a aza negra do infortunio estender-se por de cima dos paços reaes para lhe arrebatar, na juventude, os filhos da rainha de Portugal, ergueu-se iracundo, terrivel e ameaçador contra o despotismo da morte. E, se podesse esgrimir com a sombra, medonha seria a sua vingança. Chorou e envolveu-se por muito tempo no crepe funerario, opprimindo no coração a dôr, que lh'o dilacerava.

Creia, pois, a illustre infanta D. Antonia que os portuguezes, ao vêl-a, veem-n'a com aquelle amor, com aquelle sentimento fraternal e com aquella dedicação, só proprios de gente, que sabe sentir as grandes impressões. Lisboa, que lhe foi patria, ainda vê em sua alteza, a filha dilecta de outr'ora, a flôr mais fina e viçosa dos jardins da nossa monarchia.

V.

AUGUSTO CESARIO D'ABREU

O retrato que hoje publicamos é o d'um dos mais illustres medicos homœopathas de Portugal, d'um dos mais ardentes e valerosos campeadores da escola hanhemanniana.

O sr. dr. Cesario d'Abreu, filho d'um dos mais valerosos voluntarios do batalhão academico, o sr. Madail d'Abreu, um d'esses legendarios bravos do Mindello, e da ex.ma sr.a D. Guilhermina de Vasconcellos e Abreu, uma santa e virtuosa senhora que ainda hoje vive para alegria de seus filhos e cujas altas qualidades de espirito e de coração são apreciadas por quantos a conhecem, nasceu em Coimbra, no mez de novembro de 1849.

Quando tinha 19 annos, seu pae falleceu, deixando-lhe um nome coberto de gloria nos campos de batalha, um nome celebrado na historia das luctas da liberdade, e nada mais.

Victor Madail d'Abreu morreu pobre e seus filhos encontraram-se logo no começo da mocidade, a braços com a falta de meios, abrigado a entrar denodadamente, sem hesitações nem treguas, no rude combate da vida.

Cesario d'Abreu luctou, e luctou como um valente e triumphou como um heroe.

Para poder seguir os estudos superiores, as horas de repouso empregava-as a leccionar mathematica, e foi assim que, estudante e mestre ao mesmo tempo, chegou ao 2.º anno da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra.

N'esse anno porem, motivos perfeitamente particulares obrigaram-n'o a abandonar a universidade, e a ir para a Escola medico-cirurgica do Porto completar o seu curso.

Ahi foi um alumno distinctissimo, gosando sempre da estima e da consideração dos seus professores, alguns dos quaes lhe franqueavam as suas livrarias, para elle fazer estudos mais amplos, mais profundos.

Nas ferias Cesario d'Abreu vinha a Lisboa e travou aqui conhecimento com o dr. Brilhante, o illustre homœopatha, o fanatico de Hanhmanne, que tinha tão grande fama de sabio como de excentrico.

Cesario d'Abreu affeiçoou-se em breve ao grande medico, e começou a affeiçoar-se ao seu systema. Até ahi tinham-n'o ensinado a rir sempre da homœopathia, na convivencia do dr. Brilhante esse riso incredulo fugiu-lhe dos labios, e senão se fez logo um crente da homœopathia, deixou immediatamente de ser um desdenhoso.

Intelligente como é, amando acima de tudo a sciencia, o estudante de medicina allopathica da Escola do Porto, começou a estudar nos intervallos que as suas lições lhe deixavam os livros de Hanhmann e dos seus sectarios. Esse estudo fez d'elle um crente, um apostolo convicto e enthusiasta, e terminada a sua formatura veio para Lisboa concluir com a pratica, os seus estudos homœopaticos, na clinica do dr. Brilhante.

E o mestre tinha n'elle tão grande ou tão pequena confiança, que, quando adoeçeu d'essa enfermidade terrivel que o prostou para sempre, quem escolheu para seu assistente foi o seu discipulo, o joven medico sahido da escola do Porto.

Fallecido o dr. Brilhante, o dr. Cesario d'Abreu começou a fazer clinica por sua conta: e a sua sciencia solida, o seu tacto medico, a sua desvelada dedicação pelos seus doentes, deram-lhe rapida nomeada, e tornaram-n'o um dos medicos mais distinctos e mais procurados da sua escola.

Em 1880 o dr. Abreu fundou a pharmacia homœopathica da rua Augusta, coadjuvado pelo sr. Costa, a quem as curas milagrosas da homœopathia converteram de pharmaceutico allopatha em sectario de Hanhmann.

Apesar da sua enorme clinica, o dr. Abreu estuda e estuda muito, e a prova são as obras que tem escripto sobre a sua sciencia.

São ellas:

Estudos geraes sobre a homœopathia;

Do progresso da medicina pela homoeopathia;

Homoeopathia e allopathia;

Revista portugueza de therapeutica homoeopathica — jornal que fundou em 1880 em collaboração com o dr. Jousset, de Paris;

Apontamentos para a historia da medicina homœopathica em Portugal, no prelo.

Actualmente o dr. Abreu trabalha n'uns *Traços geraes sobre biologia*.

Os seus livros teem sido muito apreciados, tanto em Portugal como no estrangeiro, onde o nome do dr. Cesario d'Abreu é muito conhecido e considerado.

O dr. Motta, um dos mais illustres medicos allopathas de Portugal, refere-se n'um importante trabalho, que tem em via de publicação aos trabalhos do distincto homœopatha, a quem cita com louvor.

No anno passado o dr. Abreu fez duas conferencias sobre o *Cholera Morbus* nas salas da Sociedade de Geographia, conferencias muito notaveis, que foram applaudidissimas por um publico muito illustrado, composto na sua maioria de homens de sciencia, e que são um documento eloquente da profunda erudição e do brilhante talento do illustre medico homœopatha.

R.

FIGUEIRA DA FOZ

O PAÇO

Apesar de haver noticia, de ter existido, desde remotas eras, na Foz do Mondego, e no logar onde hoje assenta a cidade da Figueira, uma povoação cujo porto era frequentado por embarcações de diversas nacionalidades, não se encontram vestigios de construcções anteriores ao principio do seculo XVIII.

D'aqui se deve inferir que, se tal povoação, foi em algum tempo importante, sel-o-hia em epochas muito remotas, e com certesa anteriores á fundação da monarchia portugueza; por quanto desde esta epocha, até ao principio do seculo passado, ella era tão pequena, que não contava mais de 300 habitantes.

O edificio mais antigo, que se encontra, digno de menção, alem do convento e egreja de Santo Antonio, é o paço da Figueira que a nossa gravura representa e cuja construcção data do primeiro quartel do seculo actual.

Por muito tempo foi elle propriedade dos condes da Figueira, tendo sido mandado construir por um dos ascendentes do actual conde. Ha já bastantes annos que passou á posse d'um individuo extranho áquella casa. Ainda hoje é o palacio conhecido pelo nome de paço, com que o vulgo designava antigamente as residencias dos fidalgos, que tinham no titulo nobliarchico, o nome da terra, em que essa residencia era edificada. Actualmente propriedade do doutor João Antunes de Macedo Santos, acha-se n'elle installado o club — Gremio Luzitano.

A entrada e frente principal do edificio, é na face opposta áquella, que se vê na gravura.

Devido á differença do nivel que existe entre as duas ruas para onde olham os lados maiores do parallelogrammo occupado por esta vasta construcção, o rez do chão da frente, correspondente ao andar nobre do lado opposto. Dos extremos do corpo principal e formando angulo recto com elle, prolongou-se duas edificações de moderna data, servindo de casas de residencia, sem communicação com aquelle, e tendo as frentes viradas para a alameda arborisada, que antecede a entrada, e é separada da rua por uma grade, correndo na altura dos extremos das referidas casas, oppostos áquelles que envoltam ao edificio.

N'uma foi construido o torreão que devia fazer simetria com o que se vê erguido n'um dos extremos. Este foi em parte destruido pelo terramoto de 1755 (que nenhum outro damno causou ao edificio) sendo posteriormente reedificado.

O primeiro theatro um pouco regular que a Figueira teve e que funccionou desde 1820 a 1863, representando n'elle companhias de curiosos, era estabelecido no pavimento terreo d'este palacio e foi destruido por um incendio que pouco prejuizo causou ao edificio.

Attrahe a attenção de todas as pessoas que pela primeira vez visitam as salas do club, os azulejos que forram até meia altura as paredes de tres d'aquellas. Foram adquiridos na Hollanda, e tornam-se notaveis pela perfeição e variedade dos desenhos, e são de tamanho regular, e em cada um d'elles está uma paizagem, ou um cavalleiro antigo.

São variadissimas as paizagens, e as posições dos cavalleiros, encontrando-se com difficuldade duas iguaes em um numero tão consideravel de azulejos, como se comprehende que devem conter as paredes de tres vastas salas, embora só forradas até meia altura.

Foi recebido n'este palacio sua magestade o sr. D. Luiz I, quando veio a esta cidade, por occasião de ser inaugurado o caminho de ferro da Pampilhoza á Figueira.

J. C. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXEQUIAS A FONTES PEREIRA DE MELLO NA EGREJA DES MERCÊS

O partido regenerador querendo prestar ao seu fallecido chefe, o iminente estadista Fontes Pereira de Mello, a publica homenagem do seu respeito e alto apreço em que tinha as elevadas qualidades do seu espirito, tem promovido por

todo o reino, nas principaes cidades e mesmo em algumas pequenas villas, demonstrações de sentimento e de respeito pelo illustre morto.

Entre estas demonstrações tornaram-se mais notaveis as exequias celebradas em Lisboa e no Porto, como era natural, nas duas primeiras cidades do reino.

Das exequias que se celebraram em Lisboa, no vasto templo da parochial das Mercês, no dia 26 de março, publicamos um desenho expressamente feito pelo nosso collaborador artistico sr. Christino, que dá boa idéa da magnificencia d'esta solemnidade religiosa, na parte decorativa do templo, que estava todo armado ricamente.

O catafalco que se erguia no cruzeiro a mais d'um terço de altura do templo, estava ricamente armado, embora fugisse um pouco ás boas regras da architectura; era illuminado por mais de duzentas luzes dispostas em castiçaes e serpentinas, produzindo um effeito deslumbrante.

Tanto a capella mór como as capellas lateraes tinham custosos espaldares, onde as luzes se reproduziam nas bordaduras douradas que recamavam o estofo preto de que eram feitos.

A riqueza da armação correspondeu a magistral execução da orchestra composta de noventa professores e em que tomou parte o tenor Valero do theatro de S. Carlos.

Officiou o reverendo arcebispo de Larissa e o sr. dr. Santos Viegas orou brilhantemente a respeito do illustre morto.

Dr. Augusto Cesario de Abreu (Segundo uma photographia de Camacho)

Assistiu ás exequias a familia do finado que foi comprimentada no fim pelo sr. Andrade Corvo em nome da grande commissão de que sua ex.ª é o presidente.

Suas Magestades fizeram-se representar n'este acto pelos srs. condes de Ficalho e de Mossamedes. Sua alteza o principe D. Carlos fez-se representar pelo sr. tenente coronel Sequeira e sua alteza a princeza D. Amelia pelo sr. conde de S. Miguel.

O partido regenerador achava-se largamente representado tendo vindo a Lisboa deputações de alguns centros da provincia.

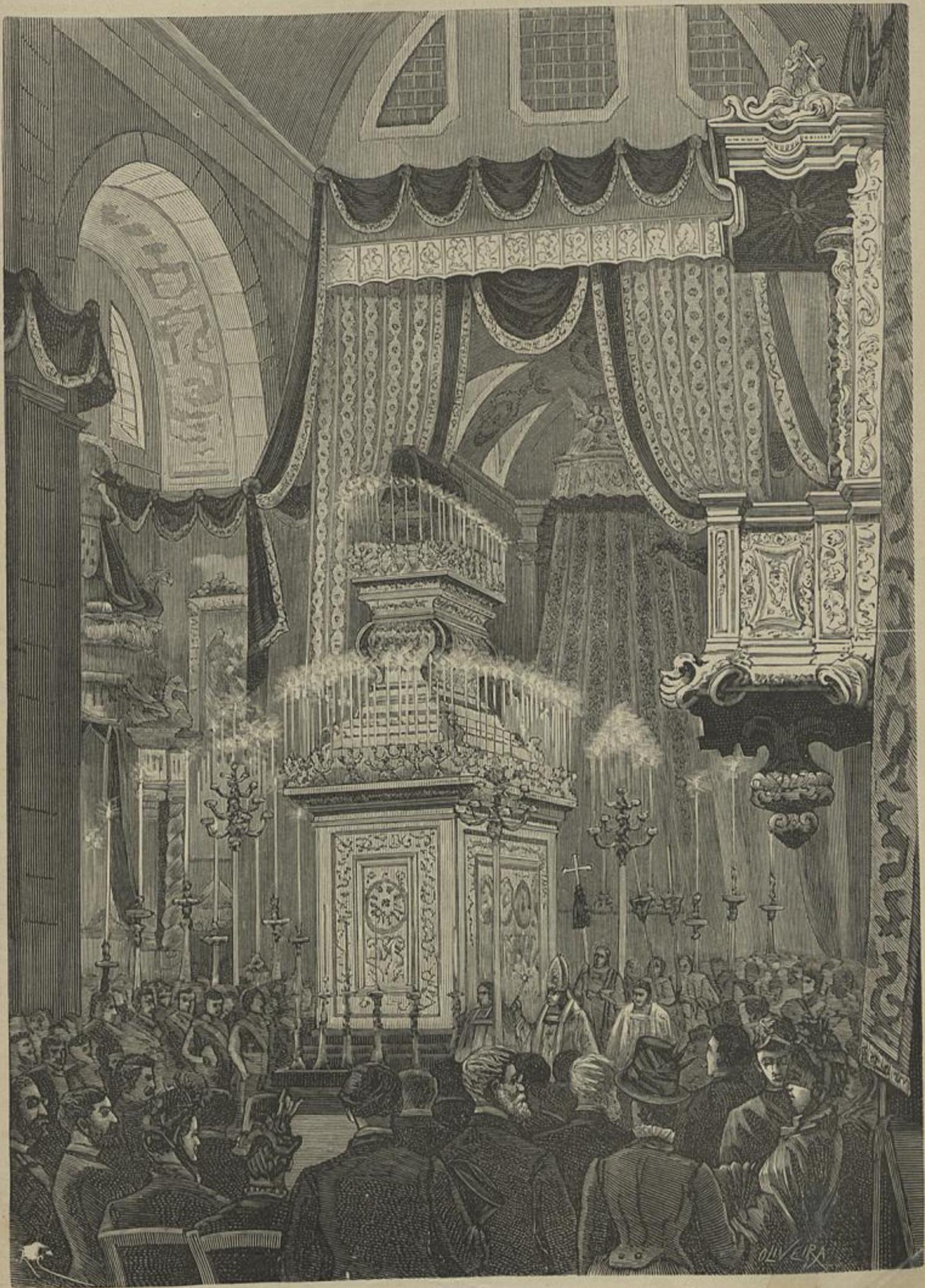
O ministerio e altos funccionarios do estado compareceram sem distincção de partido, achando-se representados todos os partidos, para prestarem as suas homenagens ao portuguez illustre que a morte roubou ao serviço da patria.

Foi uma solemnidade respeitavel, extremamente honrosa para a memoria do estadista portuguez e para os seus compatriotas, que não lhe regateam o reconhecimento devido aos seus altos merecimentos.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

CANHONEIRA TEJO

A canhoneira *Tejo*, ha pouco construida no Arsenal

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — Canhoneira Tejo (Desenho do artista amador sr. José Parcal)

As exequias de Fontes Pereira de Mello na egreja parochial das Merces — 26 de março de 1887

(Desenho de J. R. Christino)

da Marinha, é um dos melhores barcos que se tem feito n'este estabelecimento do estado, primando muito especialmente pela sua elegancia.

Esta canhoneira sahiu ha pouco de Lisboa com destino a Macau, sendo esta a sua primeira viagem.

N'um dos proximos numeros do OCCIDENTE, publicaremos um artigo desenvolvido a respeito d'este novo vaso de guerra portuguez.

Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto.

Á falta de exposições officiaes em que os poderes publicos fossem os primeiros a estimular com a sua protecção o desenvolvimento da arte nacional, os artistas vêem-se obrigados a agrupar-se, para, por meio da exhibição das suas obras, instigarem o gosto e crearem assim uma clientella que os auxilie na vida de trabalho improbo que arrastam no meio de difficuldades e de desillusões bem tristes.

Foi para isso que se crearam em Lisboa as exposições do *Grupo Leão*, cujo exito vae duplicando de anno para anno, é tambem n'esse intuito que alguns artistas e amadores portuenses acabam de promover uma exposição de pintura e de esculptura, que se acha instalada na ampla sala do Atheneu Commercial.

Diz-se constantemente e convem repetil-o sempre, que entre nós as bellas artes são olhadas com uma indifferença que dá a prova mais caracteristica e desoladora não só da nossa falta de gosto, como da nossa mesquinha educação artistica.

Os governos, que dispendem annualmente algumas centenas de mil réis em pensões a artistas que vão estudar ao estrangeiro, deixa-os, ao voltar á patria, entregues ás contingencias da sua sorte precaria. Não se enriquecem as pobrissimas galerias publicas ou os soturnos edificios do estado com um quadro contemporaneo, com uma obra de arte de merecimento, nem se aformoseam os jardins ou os parques com uma estatueta sequer, que dê testimunho de que no paiz ha duas escholas de bellas artes e que lá fóra estudam artistas portuguezes.

Os homens de fortuna, que despendem sommas importantes em tapessarias caras e em moveis luxuosos, não téem por via de regra coragem para gastar algumas dezenas de libras na compra de uma téla que lhes alegre as salas, limitando as suas expansões artisticas a algum retrato de familia, justo e marralhado por sete ou oito libras, um dinheirão que é dado como uma generosidade extraordinaria ao pobre artista, muitas vezes até exprobrado grosseiramente, porque a bocca grande da espoza não ficou pequena no retrato, ou porque o alfinete da gravata do marido, nem parece que tem um diamante que custou 200$000 réis!

E depois, para que se ha de estar a gastar um horror de dinheiro em uns palmos de téla pintada de modo que nem ao menos se percebe ao pé, o que seja, se ha por ahi oleographias tão lindas e tão baratas e uns bonecos de biscuit encantadores, que *fazem tão bonita vista* nas paredes e sobre as mesas?!

Eis a theoria da grande massa da gente rica portugueza, e da qual apenas se extremam algumas excepções raras.

Ainda não ha muito, aqui no Porto, esteve exposto á curiosidade de toda a gente o interior de um palacete abastado, cuja mobilia ia ser posta em leilão e que produzia umas dezenas de contos, tendo custado talvez centenas.

Pois no meio d'esse fausto, em que se incluia até uma sala chineza, que fazia assombro dos chinezes de cá, todo o peculio artistico do predio se reduzia a um *costumesito* de um pintor portuense, a duas estatuetas de bronze e... a uma oleographia, copia do quadro «A primeira missa no Brazil»!

É de todas estas circumstancias, d'esta verdadeira mizeria, que se resentem as nossas exposições de bellas artes. Raro se vê um quadro de certo vulto, uma composição de valor, porque os artistas, conhecendo a atmosphera que os rodeia, não se abalançam, ou por falta de meios ou por calculo commercial, a mais do que a umas pequenas paizagens, a umas flores, ou uma figurasita, cujo preço não horrorise o comprador.

Como tudo o que exceda a 20 ou 30 libras custa a ir, o recurso é modellos baratos, pouco trabalho, molduras vistosas e a ajuda de Deus.

N'estas condições, a actual exposição do Atheneu não se afasta em importancia de outras que se tem realisado. Raros quadros de genero, diminutas composições, muitas paizagens, muitas flores, alguns retratos e pouco mais.

Não sensuro por isso os artistas, porque nem a opulencia do mercado, nem os recursos do meio lhe permitte abalançar-se a emprehendimentos mais vastos, mas antes pelo contrario os louvo pela sua persistencia em organisarem estes concursos, que são um incentivo para elles proprios e um attractivo para o publico, que assim se vae habituando a vêr alguma cousa de melhor do que as *croûtes* abolorecidas do Muzeu de S. Lazaro.

A obra de sensação d'este certamen é o quadro de Sousa Pinto, «As calças rôtas» (1), que obteve uma mensão em um dos ultimos *Salões* de Paris, facto este que bastava para lhe dar a notoriedade que tem alcançado se elle não possuisse realmente qualidades que já de per si o recommendassem.

Reprozido como tem sido pela photographia e pela gravura, eu obstenho-me de descrever o assumpto e apenas me referirei ao seu merecimento artistico.

Na composição simples e graciosa d'este quadro ha a notar a correcção do desenho, a expressão das figuras e a suavidade do colorido.

A cabeça da mulher é admiravel de cor e a verdade com que exprime a attenção que presta ao serviço paciente para uma vista cançada, de enfiar uma agulha, surprehende. A figura do rapazinho, deliciosa em todos os seus promenores, encanta pela acção. Apesar de voltado de costas, sente-se que o garotito soluça pela reprimenda da avó e pelo corectivo que ella lhe applicou e de que dá testimunho a vermilhidão de uma das orelhas.

Depois de tudo isto e da fidelidade com que estão tratados todos os accessorios, ha ainda a notar a factura delicada, fina, sem exageros de empaste, que se assignala n'este quadro.

Sousa Pinto segue muito a maneira do malogrado pintor Bastien Lepage, e assim as suas obras impressionam pela suavidade e harmonia de tons e pela verdade e escrupulo de observação.

Nas «Calças rotas», talvez se possa encontrar uma demasiada superabundancia de *detalhes*, mas essa infinidade de objectos que se aglomera na casa rustica em que a scena se passa está de tal modo copiada, que de bom grado se desculpa um tal excesso de minudencias dispensaveis.

O talentoso artista expõe mais dois pequenos retratos em meio corpo, pintados ha mezes, notaveis não só pela similhança, como pelo vigor da carnação e pela naturalidade das roupas; e quatro paizagens que estão muito áquem dos meritos revelados nos outros trabalhos do mesmo pincel.

E'essas quatro paizagens, a melhor é a que representa um campo de centeio, por entre o qual caminha uma mulher. O tom geral é agradavel, e ar limpido que banha todo o quadro faz sobresahir o dourado fosco das espigas amadurecidas e a figura que desapparece ao longo do carreiro, destaca se pelo seu movimento. Sem ser uma obra prima, esta pequena paizagem torna-se comtudo apreciavel.

As outras, pouco ou nada teem porque se recommendem e sobretudo a que representa um effeito de crepusculo, amaneirada, falsa, lambida, emfim, quasi detestavel.

Trabalho puramente de commercio, feito de cór no *atelier*, creio que o insigne pintor, perdeu n'elle o tempo e o feitio.

Antonio José da Costa, um dos velhos crentes, que foi o primeiro mestre de Arthur Loureiro e de outros rapazes que deram boa conta de si, deixou por momentos os seus retratos e as lições dos seus alumnos e foi para o campo surprehender a natureza nos sorrizos ou nas tristezas da sua vegetação.

Pintou tres quadrosinhos e veio depol-os como offerenda respeitosa nas aras erguidas pelo enthusiasmo dos novos.

«Debaixo da ramada». Uma bella impressão, colhida de relance e transmittida sem preoccupações de acabamento minucioso. Um canto de quintal, em que se vê uma mulher junto a um poço, sob um docel de pampanos verdes, ao lado um macisso de hortensias com as suas grandes flores azues e tudo illuminado por um bello sol de primavera.

«Um caminho de Custoias». Paizagem sombria, melancolica; um pedaço de caminho de aldeia orlado de pinheiros, natureza agreste interpretada com sentimento e intelligencia.

«Paizagem de Ramalde». Uma grande extensão de campos que se prolongam em uma magnifica perspectiva, planos bem determinados pelas cambiantes de tonalidades das diversas culturas, muito ar, muita vida, um quadro que alegra, emfim. Poder-se-ha dizer que aquillo obdece ainda aos antigos processos, que é ingenuo, mas que me importa se aquelle pedaço de tela me dá o aspecto exacto da paizagem que muitas vezes observo de longe, do alto de um monte?

Porto, abril.

(Continua) *Manoel M. Rodrigues.*

(1) Vid. OCCIDENTE vol. VII pag. 193.

FONTES PEREIRA DE MELLO

VIII

Fosse porem qual fosse a causa, o que é certo é que o primeiro ministerio regenerador ficára apparentemente fraco, e mostravam-se resolvidos a aproveitar essa fraqueza os elementos opposicionistas, que a pouco e pouco se tinham ido congregando. Muitas vezes nos fallou o grande estadista n'esse momento critico da sua carreira parlamentar. Garrett saira, e saira o sr. Seabra. Jervis de Atouguia não era homem para se medir na camara com os athletas que iam entrar na lucta, o duque de Saldanha dirigia muito melhor uma batalha do que uma discussão, demais a mais estava doente, e o peso do combate, que foi tremendo, caio exclusivamente sobre Fontes e Rodrigo, que precisavam de andar a correr de uma camara para a outra para acudirem a tudo.

Como se não bastassem todas estas difficuldades, veio outra ainda mais terrivel. A 15 de novembro de 1853 morria a rainha D. Maria II, e succedia-lhe seu filho ainda menor, ficando com a regencia do reino el-rei D. Fernando. O ministerio incompleto ia ter que atravessar esse periodo sempre perigoso de uma menoridade.

A sessão de 1854 mostrou bem que a opposição comprehendera e queria aproveitar as vantagens da sua situação. O conde de Thomar voltára á camara, e fazia opposição energica. Entre os opposicionistas contava-se então aquelle famoso guerrilheiro, o conde da Taipa, espirituoso e violento, terrivel na aggressão, mais terrivel ainda no epigramma. Entendeu que devia aggredir pessoalmente o ministro da fazenda, mas encontrou uma resistencia que não esperava, aquella resistencia aggressiva tão caracteristica do talento oratorio de Fontes Pereira de Mello, e que fazia sempre arrepender os adversarios da violencia dos ataques.

A um dos discursos violentissimos do conde da Taipa não pôde responder Fontes no mesmo dia, mas d'essa circumstancia occasional tirou partido admiravelmente, dizendo á camara que estimára não ter que responder logo em seguida ao digno par, porque receiaria não poder dominar a sua indignação, mas agora, mais sereno, ia refutar as insolitas aggressões do conde da Taipa.

«Sr. presidente, disse elle, se eu quizesse tirar partido d'esta circumstancia a favor da politica que sustenta a administração actual, podia fazel-o com vantagem! Quando o digno par, que se colloca nas fileiras opposicionistas; quando o digno par, que tem grandes meios intellectuaes á sua disposição, vem fazer insinuações, vem declarar-se e pronunciar-se contra o systema financeiro, não em relação ao ministerio em geral, mas ao ministro da fazenda, como se elle podesse ter um pensamento governativo, que não fosse o do governo de que faz parte; quando este par, em vez de combater os actos da administração...

O sr. conde de Thomar. — Apoiado.

O orador. — Foi o que fiz sempre. Appello para o digno par, a quem fiz opposição uns poucos de annos.

O sr. conde de Thomar. — Muito bem.

O orador. — Mas é exacto?

O sr. conde de Thomar. — É exactissimo.

O orador. — Quando um digno par, digo, que pode, que tem recursos á sua disposição, sem argumentos, sem motivos, vem atacar o systema geral do governo, mesmo debaixo do ponto de vista financeiro, limitando-se a dizer: *Eu combato o ministro da fazenda, porque discordo do ministro da fazenda e porque sou seu adversario!*

É porque sois adversario do ministro da fazenda? porque combateis os seus actos? Quaes são os calculos que tendes feito, as razões que nos dais para isso? Nenhumas!... *A suspeita de que o governo quer fazer a rescissão do contracto do sabão, impellido a essa medida por motivos que deixaes á camara considerar, e porque essa rescissão vai collocar a propriedade á mercê do ministro da fazenda!* Mas porquê? *Pelas razões que são*

obvias, mas que todavia o digno par não apresenta — *e porque o ministro da fazenda tem continuado no systema phantasmagorico de pagar em dia com as rendas do fundo especial de amortisação*. Mas quaes são as rendas do fundo especial de amortisação? A quanto montam? Mas o que está em divida? Nada disse o digno par; contenta-se só em dizer á camara — *que o governo tem dispendido o fundo especial de amortisação, e que este ministro da fazenda tem pago com os juros que capitalisou da divida interna e externa*. Mas vinde cá, dizei-me: a que applicou o governo as sommas provenientes da capitalisação da divida fundada interna e externa? Foi no pagamento que se tem effectuado desde o 1.º de setembro de 1851 até hoje, sem exceptuar um só dia. O digno par não o diz, porque não o sabe (peço perdão de lh'o dizer); podia e devia sabel-o, porque estava n'esta casa quando se votou o decreto de 3 de dezembro. S. ex.ª deve ter conhecimento dos documentos officiaes, e devia saber o motivo porque esta casa do parlamento votou aquella medida. Foi para pagar em dia desde então até hoje, ou para emancipar as rendas publicas da antecipação em que estavam e pagar a divida fluctuante.»

Anime-se agora este pallido discurso, passado atravez d'aquelle chloro descorante da tachygraphia, com o gesto, com a voz, com as maneiras, a um tempo cortezes e energicas, do grande parlamentar; vejam-no lançando raios das pupillas, vibrando o sarcasmo, attenuando um golpe valente com a cortezia do *peço perdão*, que já não vinha a tempo de desmanchar o effeito produzido, appellando para o seu passado sempre correcto, esmagando as insinuações calumniosas, demos ainda ao nobre vulto de Fontes a plena juvenilidade d'esse periodo, a voz que sempre conservou metallica e sonora, mas que devia ter então um indizivel encanto, gesto desembaraçado, a elegancia suprema d'aquella desempennada figura, o prestigio do muito que fizera já e que aureolava a sua fronte, e facilmente se faz idéa do que seria o seu triumpho n'esta lucta homerica. Logo o conde de Thomar, vendo a situação vantajosa em que Fontes se collocára, abandonára o seu imprudente companheiro, e quando Fontes, depois de ter mostrado serenamente os sophismas, a ignorancia verdadeira ou calculada do conde de Taipa, caío a fundo sobre elle, a ovação foi completa. O mais terrivel adversario do gabinete, ou pelo menos o mais incommodo, ficou desde logo fóra de combate, e nunca mais o conde da Taipa pôde readquirir diante de Fontes a posição impertinente em que todos o tinham até ahi deixado collocar-se.

(Continúa.) *Pinheiro Chagas.*

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 298)

Já no começo d'este prologo fallamos de algumas folhas periodicas que no nosso paiz foram como que a guarda avançada dos jornaes *publicados dia a dia*, systema que depois adquiriu largo desenvolvimento interessando o leitor dos factos mais recentes e subministrando-lhe leitura quotidiana e variada.

Mas muito antes d'isso, quando em quasi toda a Europa a imprensa periodica mal caminhava os primeiros passos, incertos e indecisos, Portugal não se descuidava de fazer as mesmas tentativas, e até com melhor resultado.

Em 1627, Fructuoso Lourenço de Bastos publicou em Braga uns folhetos de noticias, aos quaes deu o titulo de: *Relação Universal do que succedeo em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente desde o mez de Março de 1625 até todo o mez de Setembro de 1626*.

Attribuem-se estas noticias mensaes a Manuel Severim de Faria que as compillou sob o pseudonymo de *Francisco d'Abreu*, sendo reimpressas no seguinte anno (1628) na cidade de Evora, pelo impressor Manuel de Carvalho.

E' esta a primeira publicação periodica de que ha noticia e que se suppõe tivesse origem nas *Cartas-Noticias* de Mendoza apparecidas em Madrid no reinado de Filippe IV.

Quasi modelada por estas, appareceu quatro annos depois em (1631) a primeira gazeta fundada em França pelo medico Renaudot, papeis dos quaes já fallámos.

Depois das Relações de Severino de Faria começaram a apparecer os taes *papeis anonymos* ou *folhas avulsas*, muitos d'elles numerados e repletos de noticias e curiosidades extrahidas de diversas folhas litterarias estrangeiras.

N'esse genero abriu o caminho Jeronymo Tavares com o seu *Folheto d'ambas Lisboas* (1730-1731) e Frei Luiz Montez Mattozo com o seu não menos raro *Folheto de Lisboa* (1740-1742).

Por essa occasião appareceu o celebre *Expresso na Côrte*, que o seu auctor diz ser o primeiro n'esse genero publicado em Portugal (1).

Aos folhetos de Lisboa seguiu-se o hoje extremamente raro, — *O Anonymo* — (1752-1754) attribuindo ao beneficiado Bento Morganti. Depois publicou-se o *Occulto Instruido* (1756-1757); em seguida a *Gazeta Literaria* de Francisco Bernardo de Lima, verdadeiro jornal litterario escripto com proficiencia e que foi como que o modelo para analogas publicações que depois se fizeram no paiz, taes como o *Jornal Encyclopedico*, de Felix Antonio Castrioto e o *Correio Mercantil e Economico de Portugal* de Polycarpo da Silva, que foi como um laço de união entre o jornalismo litterario do seculo XVIII e o do seculo XIX.

Vê se pelo que temos dito que Portugal seguiu de perto a torrente caudelosa que ameaçava romper todos os diques e ufano da sua victoria apresentou-se na lide a compartilhar d'esses esforços titanicos tão dignos d'uma epopéa.

Os povos iam conseguindo o seu *desideratum*. O sol explendente da intelligencia humana acabava de dissipar as trevas em que o mundo material jazia immerso e de despedaçar as algemas que arroxeavam os pulsos das victimas do despotismo, da prepotencia e do fanatismo.

A desordem, o cahos, o vacuo horrivel, o embrutecimento universal appareceram com toda a sua hediondez ante os jorros de luz dimanados de myriades de folhas que sahiam dos prelos e se espalhavam pelas classes populares, dia a dia, com uma rapidez vertiginosa.

O *Fiat-Lux* do progresso chegou a deslumbrar e a humanidade, que gemia oppressa e ignorante respirou alfim.

Era muito: Não convinha isto aos pygmeus, aos satellites do mal e do fanatismo. A imprensa periodica havia-se guindado muito alto. Era preciso cortar os vôos temerarios d'aquella aguia audaciosa que fendia os ares da publicidade com tal arrojo.

Em quanto a imprensa periodica se limitou a dar simplesmente a noticia dos factos tudo foi bem, mas desde que ella tentou adquirir os seus fóros, fazer-se preponderante e soberana, intervir nas reformas sociaes e economicas, devassar os mysterios da administração do estado, expôr aos olhos das nações as ulceras sociaes, apontar os delapidadores da fazenda publica e os inhabeis na sua gerencia; quando ella ousou desafivelar a mascara á hypocrisia, fustigar a venalidade, stigmatisar a torpeza e corrigir o vicio; quando começou a mostrar ao povo aquelles que o illudiam, que mercadejavam com a sua credulidade e abusavam da sua boa fé... — Desde esse dia, em que o jornalismo pretendeu abranger a esphera natural das suas attribuições, não houve cousa alguma que os governos não engendrassem para a amordaçar: confiscações, perseguições, multas avultadas, impostos enormes, a prisão, o desterro, tudo ella soffreu, mas de tudo ficou victoriosa.

— Publicae o vosso pensamento — dizia o pampletista audaz e corajoso, Paulo Luiz Courier, deixae-vos maldizer, deixae-vos condemnar, encarcerar e atè mesmo martyrisar pelos vossos algozes, porque acima de tudo isso está o vosso direito, ou antes, o vosso dever.

— Mas o abuso?

Que palavra tão nescia! Aquelles que a inventaram são justamente os que mais teem abusado da liberdade da imprensa, imprimindo o que elles querem, illudindo, calumniando e impedindo de responder...

Pensou-se pois em supprimir o jornalismo.

Era isso um golpe demasiadamente fundo.

No entanto convinha fazer emmudecer os jornaes. Fallavam muito alto e era isso um constante pesadello para a tyrannia.

Decretou-se a censura. A ella cumpriu o officio de espião e o mister de algoz, a ella cumpria fazer calar os clarins da imprensa quando elles soassem demasiadamente alto.

A *censura!* já a havia para os livros. O *Index Expurgatorio* não era outra cousa.

Portugal promulgou para a censura dos livros as suas leis. A de 4 de dezembro de 1576 foi para não se imprimirem livros sem licença d'el-rei e sem primeiro serem vistos e approvados pela Mesa do Desembargo do Paço, pelo Santo Officio e Ordinario.

A esta lei seguiram-se a de 31 de agosto de 1588, comminando a multa de *200 cruzados, e dois annos de degredo*, aos delinquentes. Depois vieram a de 14 de agosto de 1663, e a de 5 de abril de 1768 creando a *Real Mesa Censoria*, com jurisdicção civil e criminal; a de 21 de junho de 1787, que instituiu a *Commissão geral sobre o exame e censura dos livros*; e a de 17 de dezembro de 1794, extinguindo essa commissão e submettendo a censura a tres auctoridades: *pontificia, real e episcopal*, representadas pelo Santo Officio, Desembargo do Paço e pelos bispos.

O primeiro alvará que appareceu creando a censura para as gazetas foi passado por Filippe IV. É datado de 26 de janeiro de 1627. N'esse tempo circulavam em Hespanha, vindo alguns para Lisboa, uns papeis soltos, ou relações, e principalmente umas cartas de noticias escriptas ou colligidas por um tal Andrés de Almansa y Mendonzas (1).

Era a primeira barreira levantada por um despota contra a imprensa periodica na peninsula hispanica, era o primeiro *ukase* que devia coartar a livre manifestação do pensamento. A esta succederam-se outras não menos repressivas, taes como as de 16 de fevereiro e 19 de abril de 1803.

Com a gloriosa revolução de 1820, da qual resultou a constituição politica da monarchia portugueza, appareceu com todo o seu esplendor a liberdade de imprensa.

Essa revolução deu origem a grande numero de jornaes. Citarei os que appareceram na vanguarda: *Diario Nacional* de Norberto Fernandes (Porto, 26 de agosto), *Diario do Governo* (Lisboa, 16 de setembro), a *Regeneração de Portugal* (Porto, 18 de setembro), o *Portuguez Constitucional*, de Pato Moniz (Lisboa, 22 de setembro), o *Patriota*, de Norberto Fernandes (Lisboa, 27 de setembro), *Mnemosine Constitucional* de P. A. Cavroé (Lisboa, 25 de setembro), o *Amigo do Povo*, de Abreu Vidal (Lisboa, outubro), o *Astro da Luzitania*, de Alves Sinval (Lisboa, 30 de outubro), o *Liberal*, de Antonio Maria do Couto (5 de outubro), *Lysya Degenerada* (Lisboa, novembro), a *Minerva Constitucional*, de P. A. Cavroé (Lisboa, 11 de novembro), a *Borboleta Constitucional*, de João Nogueira Gandra (Porto, 12 de maio de 1821), etc. etc.

«N'esse tempo — diz o jornalista A. A. Teixeira de Vasconcellos no seu livrinho: *O Sampaio da Revolução*, referindo-se á revolução de 1820 — o gosto pelos periodicos se propagou com facilidade, mas a influencia do jornalismo d'essa epocha não chegou a ser poderosa».

Mas, em todo o caso, a liberdade era concedida aos portuguezes pelos artigos 8.º, 9.º e 10.º, das bases d'essa constituição, e portanto ao jornalismo um periodo de grande desenvolvimento.

As côrtes constituintes, querendo desenvolver e determinar os principios que sobre essa liberdade estabeleciam aquelles artigos, decretou a lei de 4 de julho de 1821 (2).

(Continua) *Silva Pereira.*

(1) Ver-se-ha no meu diccionario quaesquer dos referidos periodicos, onde vem noticia mais desenvolvida.

(1) A primeira d'essas cartas tem a data de 13 de abril de 1621; a 17.ª de 15 de abril de 1626. (*Eugenio Hartzenbusch: Periodicos de Madrid. Prologo*, pag. XIV.

(2) É justo consignarmos aqui o nome de um deputado constituinte que na sessão de 4 de fevereiro d'esse anno apresentou as bases d'um projecto de liberdade de imprensa sobre as quaes o soberano congresso assentou a sua lei. Esse deputado foi o sr. Francisco Soares Franco.

RESENHA NOTICIOSA

Mina de ouro. N'uma propriedade da Retorta, no logar da Ponte, freguezia de Villarinhos dos Freires, concelho da Regoa, descobriu-se uma mina de ouro que parece importante.

Incendio de uma fabrica de lanificios. Foi destruida por um violento incendio a fabrica de lanificios da Covilhã, pertencente aos srs. José da Fonseca Charulo & Irmão.

Eça de Queiroz. Está em Lisboa o notavel escriptor Eça de Queiroz.

Canhão monstro. Nas officinas de Krupp, em Essem, está-se fazendo o maior canhão que até agora se tem construido. Deve pesar 43:000 kilogrammas, o diametro da alma é de 0m,40 e o comprimento do canhão 16m,00. O projectil mais pequeno que pode disparar mede 1m,20 de comprido

Figueira da Foz — O paço

e pesa 749 kilogrammas, o maior mede 1m,60 e pesa 1:050 kilos. A carga de polvora prismatica será de 458 kilos. A velocidade inicial do primeiro projectil será de 735m, e a do segundo de 640m.

Os aerostatos na guerra e a artilheria. Pelas experiencias ultimamente feitas pela artilheria allemã viu-se que os balões á altura de cem a cento e cincoenta metros podem ser alcançados pelas balas a uma distancia de cinco kilometros. Dois balões dispostos n'esta conformidade cahiram varados pelas balas, o primeiro ao fim de dez tiros e o segundo depois de vinte tiros. Por isto se vê que o serviço que os aerostatos poderiam fazer em campanha, é annulado pela artilheria.

Viagem assombrosa. Um pequeno barco de seis metros de comprimento por dois de largura e um e meio de profundidade, denominado *Homeward Bound*, realisou uma viagem de Port-Natal a Douvres em que gastou dez mezes. A sua tripulação constava apenas de tres homens e o fim principal d'esta viagem foi demonstrar a possibilidade de dobrar o Cabo da Boa Esperança, na epocha mais tormentosa, em um pequeno barquinho. Por felizes se devem dar os arrojados navegadores em poderem vir contar o que viram, porque de resto a sua experiencia, cremos, que não utilisa a nada. É preferivel dobrar o Cabo em algumas horas, n'um bom paquete confortavel.

Medalhas de honra. A sociedade de geographia de Lisboa, em sessão do dia 5 do corrente fez entrega de duas medalhas de honra, offerecidas pela provincia de Angola, aos valorosos exploradores Capello e Ivens. Esta sessão foi muito concorrida e os exploradores muito victoriados, agradecendo os agraciados taes demonstrações.

Bismark. Completou no dia 1 do corrente 72 annos de idade, o illustre chanceller da Allemanha sr. Bismarck.

Elevadores em Cintra. Uma empreza particular propõe-se a construir elevadores em differentes pontos da serra de Cintra.

Attentado. D'esta vez não é contra o czar mas contra uma inoffensiva dama, que demais nos delicia os ouvidos com a sua garganta privilegiada — a Patti, a casta diva, a fascinante cantora que arrebata as platéas com a sua voz harmoniosa, ia sendo victima de um attentado contra a sua vida em S. Francisco da California, na sala da opera. Um espectador chamado Hodge munira-se de umas bombas explosivas que tencionava atirar á Patti, quando ella estivesse cantando. Ella morreria e elle suicidava-se para acompanhar a Patti para o outro mundo. Foram estas as declarações que fez quando o surprehenderam com as bombas. Era um pobre louco. Vá lá a gente livrar-se d'um sugeito d'estes?

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Aos Crentes, por Alfredo Alves Typographia Elzeviriana, Porto. Uma poesia luxuosamente impressa em meia duzia de paginas, em que o poeta desfolha todas as flores da sua lyra a perfumar a crença, essa consolação que vem de Deus e que o poeta idealisa assim:

> Deus tomára na mão o coração humano,
> Contemplando-o, sereno,
> Analysando-o todo...
> Neste tumultuava em ondas espumosas,
> O gigantesco mar das paixões alterosas,
> Rugindo com furor o lugubre lamento,
> Que sobe deste mundo ao claro firmamento.
> E diante de tão grande e tão cruel soffrer,
> O Creador do sol sentiu se estremecer;
> E a commoção intensa,
> Esmagadora, immensa,
> Imprimia-lhe á voz modulações saudosas.
>
> Ferido pela dôr chorou amargamente,
> E logo nesse instante,
> Uma lagrima ardente,
> Triste como o luar,
> Tremeluzindo, anciosa,
> Sulcou-lhe mansamente a face luminosa,
> Indo logo cair
> No coração humano,
> Como gôtta de orvalho em pétala de rosa.
> E assim no coração
> Viu-se então despontar
> Da crença a eburnea flôr, mais alva que o luar!

Grande Diccionario Contemporaneo Portuguez-Francez, pelo professor Domingos d'Azevedo, publicado com a approvação e sob os auspicios de Victor Hugo, revisto pelo ex.mo sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa. Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Vae já na folha 9 ou paginas 144 o segundo volume d'este magnifico diccionario, dos mais completos que se teem publicado, e que não podemos deixar de recommendar muito em especial aos estudantes, como o melhor guia que podem obter para o estudo da lingua franceza.

Africa Occidental, *album photographico e descriptivo*, por J. A. da Cunha Moraes, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculos 39 a 41, sendo este ultimo o primeiro da terceira parte d'este bello album, onde se encontra uma grande variedade de vistas da Africa Occidental, com os respectivos artigos explicativos.

Fabulas de Lafontaine, *illustradas por Gustavo Doré*, etc. Texto portuguez por Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão, e Couto Guerreiro, e pelos mais notaveis poetas contemporaneos de Portugal e Brazil, acompanhado por estudos criticos por Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. David Corazzi, editor, Lisboa. Acha-se publicado até ao fasciculo 24 d'esta luxuosa edição.

Historia de Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cesar Machado. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 58, ultimo publicado.

Manual dos jogos, *ou collecção dos jogos mais usados na boa sociedade*, etc. Livraria editora de Joaquim José Bordalo, Lisboa. É a terceira edição que se faz d'este livro, sendo esta augmentada com alguns jogos novos.

Bibliotheca do povo e das escolas, David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 143, *Formulario commercial*, por José Augusto Pereira Nunes, funccionario publico. Na já longa série de livrinhos d'esta util bibliotheca encontram-se livros para todos os ramos da sciencia e das artes; a historia tambem se acha vantajosamente representada com trabalhos de valor, e o commercio tambem lá tem já um livrinho, *Escripturação commercial*. Publicando agora o *Formulario commercial*, completa com grande utilidade o primeiro.

Typ. Elzeviriana.—Rua do Institto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.